

EU NÃO VOU MORRER: SOLIDÃO, AUTOCUIDADO E RESISTÊNCIA DE UMA TRAVESTI NEGRA E GORDA PARA ALÉM DA PANDEMIA

I WILL NOT DIE: LONELINESS, SELF-CARE AND RESISTANCE FROM A BLACK AND FAT “TRAVESTI” BEYOND PANDEMIA

Letícia Carolina Pereira Nascimento¹

UFPI: <https://orcid.org/0000-0003-2159-7179>

DOI: <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2020v3n28ID21581>

Resumo

O presente texto traz relatos registrados em diários e publicações em redes sociais das experiências da autora, travesti negra e gorda, durante o processo de distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19, nos meses de março, abril maio e junho de 2020. Tem por objetivo compreender como as dimensões da solidão, do autocuidado e da resistência perpassam as corporalidades e subjetividades travestigêneres e/ou negras e/ou gordas para além da pandemia de COVID-19. A cartografia é o rizoma metodológico escolhido para este texto, pois permite alinhar experiências diversas para a construção de um mapa afetivo, apresentado neste texto a partir de gatilhos, por meio dos quais percebe que, apesar do isolamento, o contato com o mundo social por meio das mídias digitais traz notícias dolorosas, especialmente pelo fato de as assimetrias sociais impostas pelas estruturas cis/hetero/branco/magro/normativas produzirem a necropolítica de corporalidades dissidentes. Paradoxalmente, também são as redes sociais um modo de articular potências que criam vida durante a pandemia, por meio da criação de redes de apoio entre travestis e/ou negras e/ou gordas. O autocuidado, numa dimensão pessoal e coletiva, é compreendido como uma ferramenta capaz de pensar as interseccionalidades a partir de diferenças, fazendo emergir novas

¹ Email: lecarolpereira@gmail.com

formas de organização social. De modo afirmativo, a partir das experiências de uma de uma travesti negra e gorda, conclui com o decreto: eu não vou morrer.

Palavras-chave: Pandemia. Solidão. Resistência. Travesti negra e gorda.

Abstract

The present text brings reports registered in diaries and publications in social networks of the experiences of the author, black and fat travesti, during the process of social distancing imposed by the SarsCoV-2 pandemic, in the months of March, April, May and June 2020. It aims at understanding how the dimensions of loneliness, self-care and resilience pervade the travestis and/or black and/or fat bodies and subjectivities beyond the SarsCoV-2 pandemic. The cartography is the methodological rhizome chosen for this text, because it allows the alignment of diverse experiences for the construction of an affective map, presented in this text from triggers, through which he realizes that, despite isolation, contact with the social world through digital media brings painful news, especially because the social asymmetries imposed by the cis/hetero/white/slim/athetics/normative structures produce the necropolitics of dissenting corporalities. Paradoxically, social networks are also a way of articulating powers that create life during the pandemic, through the creation of support networks between travestis and/or black and/or fat. Self-care, in a personal and collective dimension, is understood as a tool capable of thinking about intersectionalities from differences, bringing out new forms of social organization. In an affirmative way, from the experiences of one of a fat black travesti, she concludes with the decree: definitely I am not going to die.

Keywords: Pandemic. Loneliness. Resistance. Black and fat travesti.

Introdução

*As velhas terão sonhos
As jovens terão visões
(Ventura Profana, 2020)*

Começo este texto pelo fim, tomo esta liberdade de anunciar a conclusão antes de qualquer outro enunciado discursivo. Eu não vou morrer! Este é o único veredito possível. É meu clamor e profecia. Eu não vou morrer! É um grito que ecoa lancinante, movimentando as estruturas cis/hetero/branco/magro/normativas. Precisamos ecoar com força: eu não vou morrer! Sem a crença nessa profecia, a vida se esvazia de sentido, perde o horizonte utópico. Desafiar a morte e viver é um ato de resistência contra a cis/hetero/branco/magro/normatividade que me quer morta.

O presente texto traz relatos registrados em diários e publicações em redes sociais sobre minhas experiências como travesti negra e gorda durante o processo de distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19, nos meses de março, abril maio e junho de 2020. Tem por objetivo compreender como as dimensões da solidão, do autocuidado e da resistência perpassam as corporalidades e as subjetividades travestigêneres e/ou negras e/ou gordas para além da pandemia. A cartografia é o rizoma metodológico escolhido para este texto, pois permite alinhar experiências diversas.

As assimetrias sociais inerentes à construção colonial do Brasil possuem inúmeras evidências denunciadas historicamente pelos movimentos sociais. Com a pandemia de COVID-19, essas assimetrias sociais estão mais evidentes, embora ainda invisíveis para algumas pessoas, que insistem em um falso discurso humanista que preconiza a irrestrita igualdade entre nossos corpos. Não somos iguais, somos diferentes e, na teia de lugares sociais que ocupamos, temos acessos completamente distintos aos direitos humanos.

É desse lugar de não prestígio social, de não acesso aos direitos humanos, que escrevo. De uma encruzilhada de vulnerabilidades que perpassam a minha existência como travesti negra e gorda. De um lugar precário de existência desde antes do COVID-19 e, provavelmente, sua cura deverá ser muito anterior à resolução dos conflitos sociais que inferiorizam as vidas travestis e/ou negras e/ou gordas. O COVID-19 veio, ele também poderá, espero que sim, passar, mas a resistências vividas por corpos que transgridem as estruturas de poder cis/hetero/branco/magro/normativas ainda deverão permanecer.

Encruzilhadas cartográficas: cartografias de si

A escolha pela cartografia deve-se ao modo rizomático pelo qual essa abordagem de pesquisa produz conhecimento. Meu intuito é realizar tramas entre minhas experiências e as leituras teóricas que venho realizando, contudo, não há divisão entre essas partes, pelo contrário, as minhas experiências são significadas com base nos atravessamentos teóricos, e a seleção das leituras se dá a partir dos sentidos que emanam de minhas experiências. Assim, neste texto, não há sessão teórica e sessão de análise de dados, o que desejo é expor o modo como sinto as coisas que vivo e leio.

Por isso, o conceito de experiência será tão fundamental, pois os sentidos em mim produzidos orientam a escolha dos relatos que serão apresentados. Sobre experiência, o filósofo espanhol Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21) afirma que

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça

Durante meu processo de isolamento, passaram-se muitos acontecimentos, mas nem todos foram experiências, nem todos produziram sentidos, marcas, memórias afetivas e significativas. É sobre as experiências que escrevo. O corpo é passagem quando pensamos a experiência. O corpo é território onde os fluxos de acontecimentos percorrem com diferentes intensidades. A experiência é o que nos atravessa não de qualquer jeito, mas desterritorializa, produz movimentos, às vezes incômodos, às vezes alegres. Os afetos ampliam ou diminuem a potência do corpo, esses movimentos que fazem o corpo vibrar são experiências.

A cartografia me permite construir mapas sensíveis sobre minhas experiências, é um modo de acompanhar esses fluxos vividos. A cartografia de si permite um mergulho em mim mesma. Habitar a geografia de afetos que me compõem de modo outro, fazendo pontes, criando travessias. É a linguagem que produz esses encontros entre mim e minhas experiências. Entre as muitas de mim. A tessitura deste texto emerge das pontes de linguagem criadas na relação que estabeleço comigo mesma, de modo outro, como forasteira de mim. A cartografia permite que mundos se desmanchem para que outros se formem (ROLNIK, 2007).

Este texto é feito a partir de pontes de linguagem. As pontes de linguagem são processos de tradução. Este texto não narra experiências, ele traduz experiências para outra linguagem, tornando, assim, possível que minhas experiências atravessassem outros corpos na produção de outras experiências. Quando mergulho em mim mesma e retorno de mim, eu me traduzo neste texto a partir de palavras que são afetos que, aos poucos, dão consistência a um mapa. Este texto é um mapa. Não um mapa como representação de um todo estático, não como reprodução, como decalque. É um mapa de intensidades. Um mapa afetivo. A cartografia produz mapas-rizomas, que são abertos, com muitas entradas e saídas; as intensidades que compõem o mapa podem estabelecer diferentes conexões entre si (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Pensar a produção deste texto como um mapa, em que as diferentes intensidades se conectam, permite-me agenciar o conceito de interseccionalidade. Eu não sou uma, eu sou multidão. Trago os atravessamentos de ser travesti negra e gorda. Os modos como as violências me atravessam se conectam. Tenho, a cada dia a mais, entendido que resistir a tais violências requer percepção estrutural e relacional. Por isso, a interseccionalidade é uma categoria essencial em minhas experiências, que estão numa encruzilhada de opressões (AKOTIRENE, 2019).

Este mapa em consistência de texto é tecido a partir de experiências interseccionais que serão trazidas por meio de diários afetivos e publicações em redes sociais. Os diários e as publicações não serão registrados com datas, pois foram escritos num fluxo temporal que não corresponde à temporalidade cartesiana. O mapa se compõe de intensidades temporais e geográficas diversas traduzidas para este texto, embora a tessitura tenha sido feita entre março e junho de 2020, as memórias-gatilhos atravessam tais fronteiras, embarçando o tempo - mistura passado, presente e futuro.

Minhas experiências durante a pandemia de COVID-19 como travesti, negra e gorda são atravessadas pelas dimensões da solidão, do autocuidado e da resistência. Pensar essa relação de cuidar de mim, de ser/estar sozinha e resistir são construções que me acompanham há um bom tempo. Essas experiências são fundamentais para tornar minha existência possível para além da pandemia.

Estruturei o texto em gatilhos que produziram diferentes formas de viver/sentir a pandemia.

Gatilho 1 - A sabotadora interna

Não sei determinar com precisão desde quando ela passou a existir. Todo momento vivido que recordo, ela está lá. Ela sempre esteve lá. Ela sempre esteve aqui. Olhando-me com seus grandes olhos que me devoram a alma. Seus olhos me permitem ver as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. As vezes penso que ela produz em mim o choro. Suas palavras são pedras que me atravessam, me machucam. Ela tapa meus olhos para o mundo exterior. Suas palavras me ensurdecem, apenas as ouço e nada mais.

Quando criança, eu sempre falei sozinha. Perdida em meus pensamentos, mergulhava dentro de mim. Eu não era quem eu queria ser. Eu falava para a outra em mim: “eu não posso ser uma menina”. Mas ela não entendia, ela me pedia coisas... Uma vez, quando eu tinha entre 7 a 8 anos de idade, ela me disse que eu deveria sentar de lado na garupa da bicicleta e não com as duas pernas abertas. Eu disse que não podia, ela insistiu muito. Eu sabia que o papai não iria deixar. Bolamos um plano de mudar a posição com a bicicleta em movimento, só deveríamos fazer isso bem perto da escola, pois precisaria descer antes que o papai percebesse que eu não estava sentada como os outros meninos. Quando eu fiz o movimento, eu experimentei, por alguns segundos, a sensação de sentar como uma menina, foi rápido, precisava pular antes que papai parasse a bicicleta e olhasse para trás, quando pulei, eu machuquei o joelho. Não senti dor, por dentro, eu estava feliz, eu havia sentado com uma menina. (Diário afetivo, 2020).

Na infância, as normas regulatórias do gênero me impunham vivências que não estavam de acordo com os meus desejos. Durante vários momentos, as pessoas faziam com que eu entendesse que eu não poderia ser uma menina, que eu precisava aceitar a minha condição de menino. Para Judith Butler (2017), a ordem compulsória entre sexo, supostamente biológico, e gênero é cultural, é uma imposição normativa e não uma condição natural. Para mim, que nasci com um pênis entre as pernas, o único lugar possível era o exercício da masculinidade, pelo menos, era isso que me diziam o tempo todo, e quase nunca em tom amigável. Aos

poucos, eu tive que ir silenciando minha companheira, mas mesmo assim ela não me deixou sozinha, ela estava comigo sempre.

Minha adolescência foi um horror, além de não me sentir bem na masculinidade que me era imposta, sempre estive acima do peso. Na escola, o tempo todo ouvia ofensas como bicha, viado e baleia. Segurava muito a ida ao banheiro, pois era o lugar por excelência onde os meninos exerciam suas masculinidades tóxicas, também temia que eles tentassem ver meu corpo desnudado. Às vezes, eu chegava em casa e ia direto para o quarto, nem almoçava. Eu chorava deitada em minha rede, chorava baixinho. Minha companheira falava que eu não era quem eu queria ser, que, por isso, eu nunca seria feliz. Dizia que esse mundo não tinha lugar para mim; que eu não havia em mim qualquer beleza, nem essa que dizem ser interior, tampouco exterior; que eu jamais iria namorar, como as outras meninas da escola namoravam, que o amor não era pra pessoas como eu. Houve um momento que minha companheira passou a se tornar alguém amarga. Ela alimentava meu ódio por mim mesma, minhas inseguranças e meus medos. (Diários afetivos, 2020).

Minha companheira passou a ser minha sabotadora interna. Seus fluxos percorriam meu corpo e produziam a diminuição da potência de vida. Mesmo quando eu vivia momentos felizes, ela não permitia, ela fazia questão de lembrar que minha vida era um disfarce, que aquilo que eu vivia não era eu de verdade, e que o mundo me aceitava por pena ou conveniência. Por mais que eu inventasse formas de existir, ela nunca estava satisfeita: procurava defeitos, criava conflitos, interpretações da realidade quando os outros riam de mim, quando tinham pena. Eu não me sentia parte de nada, nem desse mundo. Ela fez com que cada momento de alegria fosse insuficiente.

As experiências de frustração movidas pelas expectativas que eu tinha como adolescente me marcaram profundamente. Mesmo após concluir o ensino médio e entrar para a universidade, ou quando concluí o curso superior... nada, nada disso foi suficiente, cada vitória era pequena frente à fuga da minha verdadeira eu, que, movida pela dor, me sabotava cotidianamente. Mesmo que as pessoas dirigissem elogios a mim, ela me dizia: “você não é inteligente, as pessoas só querem lhe agradecer”. Ela nunca conseguiu me parar. Segui ouvindo suas dores, seus lamentos, seus medos.

Quando decidi afirmar para as pessoas o gênero que me sentia confortável, eu pensei que ela iria desaparecer, mas o próprio nome que eu escolhi, um nome composto, demarcava que eu não era apenas uma. E os próprios nomes traziam em si significados distintos que mostravam que os conflitos com a minha sabotadora estavam longe de terminar. Letícia significa alegria, e Carolina é inspirado na música “Carolina”, de Chico Buarque, que canta: Carolina, nos seus olhos fundos, guarda tanta dor, a dor de todo esse mundo”. Carolina, é aquela que guarda a dor, que não vê a alegria passar.

Mesmo sendo travesti, ela continuava a me sabotar, foi apenas quando eu comecei a ler feministas negras e transfeministas, quando entrei para o candomblé e realizei formações em terapias holísticas que passei a mudar a relação com a minha sabotadora, na verdade, a relação comigo mesma... Eu precisava colocar um fim nessa história:

Nos encontramos no quintal da minha casa debaixo de uma mangueira, ao lado de um poço. Eu havia prometido a mim mesma que iria acabar com a minha sabotadora, ela não precisava mais existir. Eu já era a mulher travesti que eu queria ser, ela não era mais necessária. Quando nos encontramos, eu vi nos seus olhos o rancor de sempre e uma certa raiva. Iniciamos uma luta corporal, consegui jogá-la no poço, mas ela me puxou, caímos juntas. Uma abraçada a outra, tentávamos nos afogar mutuamente. Mergulhamos e enquanto nos olhávamos imersas na água vimos o medo no olhar uma da outra. Nos vimos uma na outra. Lembramos de todas as vezes que choramos juntas, ela sempre esteve comigo, ela era eu, ela sou eu... nós somos uma e a outra. Nos abraçamos e emergimos à superfície pra voltar a respirar, juntas, respiramos juntas na mesma frequência. Nosso coração bateu junto na mesma frequência. Saímos do poço com a ajuda uma da outra. Então, nos demos as mãos e decidimos que aprenderíamos a viver uma com a outra. (Diário afetivo, 2020).

Foi durante o ano de 2019 que passei a estabelecer essa relação com minha sabotadora não mais como minha inimiga. Aprendi a lidar com ela, com meus medos, minhas inseguranças. Pensando aqui que Foucault (2004) denomina de “artes de si” um processo de recolher-se a si para viver consigo mesmo, é uma relação, portanto, consigo, numa dimensão ética e afetiva, cuidar de si mesmo. Quando abracei minha sabotadora, entendi que, no fundo, de um jeito duro, ela

sempre quis me proteger. Em meu próprio colo, fiz com que ela entendesse que desistir e morrer não eram opções postas, que juntas poderíamos resistir.

Comecei a valorizar minha sabotadora, ela me colocava sempre em alerta, fazia eu perceber em olhares, falas e comportamentos, às vezes sutis, às vezes explícitos, discursos transfóbicos, racistas e gordofóbicos. Ela possui as chaves das dores, ela as mantém guardadas dentro de mim para que eu sempre lembre, quando necessário, de tudo o que passei para chegar até onde cheguei, para caminhar, pois a lembrança é movimento. Para Nietzsche (1998, p. 47), esquecer significa “Fechar temporariamente as portas e as janelas da consciência [...]”. Esquecer não apaga, pois não se deleta lembranças da memória como deletamos arquivos de computador. Contudo, é possível deixar essas memórias temporariamente não vívidas, desde que signifiquemos elas de outro modo dentro de nós.

Assim, eu passei a transformar dor em resistência, com a ajuda da minha sabotadora. Minha irmã faz esse trabalho pesado, ela traça um plano no qual as intensidades de morte produzem a vida que há em mim. Ela tapa os olhos da dor com suas mãos de temperança e transmuta os sentidos. Temperança, a carta XIV do Tarot, assim também é minha sabotadora, uma alquimista capaz de transformar polaridades, fazendo fluir outros sentidos, fazendo emergir um ponto de equilíbrio possível, entre a dor de ser travesti negra e gorda e a esperança de construir outros modos de vida em rompimento com as estruturas de poder cis/hetero/branco/magro/normativas.

As relações entre mim e minha sabotadora não são harmônicas, embora entendamos que precisamos uma da outra, existem momentos que produzem rupturas, crises, e a pandemia de COVID-19 é uma desses momentos. O isolamento social fez com que eu passasse mais tempo comigo mesma, colocando em prova as diversas “artes de si”, como leitura, música, conversas, filmes, ensino, que eu havia desenvolvido ao longo dessas experiências comigo mesmo. Os diálogos com a minha sabotadora interna estarão presentes nos demais gatilhos, ficar sozinha com ela me fez pensar muito sobre a solidão.

Gatilho 2 - Sozinha sim, solteira também

A solidão será tratada em duas dimensões: a afetiva e a afetiva-sexual, pois ambas são importantes. A partir da transfeminista pernambucana Sophia Rivera (2020a), consigo entender que, para as minhas experiências como travesti negra e gorda, solidão é: não ser procurada, não ser companhia; sentir-se sozinha mesmo em meio às pessoas que lhe “admiram”; percebe-se várias vezes como a única pessoa transgênera em meio a várias pessoas cisgêneras; não ser digna de afeto em espaços públicos; ser objetificada e hiper-sexualizada apenas como um fetiche.

Portanto, há um entrelaçamento entre ser sozinha e estar solteira, uma vez que são as estruturas cis/hetero/branco/magro/normativas que fazem com que minha corporalidade travesti, negra e gorda não seja digna de trocas afetivas. Desde não se sentir pertencente a determinados grupos sociais à ausência de parceiros que estejam dispostos a ultrapassar os limites de uma relação com interesses exclusivamente sexuais.

Durante toda minha vida, eu me senti sozinha quando não estava entre as minhas e os meus, entre travestis e transexuais, momentos em que mais me sinto humana, acolhida, abrigada e protegida. Não se sentir humana, é, de certo modo, não ser digna de afeto. A partir da feminista negra portuguesa Grada Kilomba (2010), entendo que a colonização inferiu nos corpos que fugiam ao padrão branco eurocêntrico cisheteropatriarcal um lugar de desumanidade, uma bestialização de nossas existências.

Ser travesti negra e gorda sempre foi, para mim, sinônimo de monstruosidade, algo que causava medo, repulsa, estranheza, nojo e zombaria (FOUCAULT, 2010). Pelo menos é assim que ainda me sinto quando entro em espaços cis/hetero/branco/magro/normativos e que todos os olhares imediatamente se voltam para minha aberrante presença. É assim que me senti que durante toda a minha vida; nem mulheres nem homens manifestavam interesse em me beijar, abraçar... e quando alguns interessados apareciam, faziam de meu corpo um fetiche, um momento rápido e fugaz de prazer.

O hábito da infância de falar comigo mesma, com minha sabotadora interna, foi catalisando todas essas muitas repulsas. Quando eu me olhava no espelho, era a outra em mim que eu vi, era a minha sabotadora em sua aparência monstruosa, era eu nua e crua. Ela conseguia refletir nos meus olhos o modo assustador com que as

demais pessoas me viam. Olhar-me no espelho, durante muito tempo, foi ver em mim o que nas pessoas causa horror. Quando dei a mão para a minha sabotadora, aprendi a manejar o espelho como Oxum. Numa cosmopercepção afrodiáspórica, aprendi com Oxum a me amar como eu sou.

A pandemia de COVID-19 me colocou em um isolamento social severo, os vários dias sozinha, no início, pareciam ser tranquilos, mas, aos poucos, revelariam que os medos advindos de muitas memórias que me povoam ainda possuem o poder de desestabilizar.

Em meados de março, a universidade parou e passei a passar os dias isolada no meu apartamento, sozinha. Os primeiros dias foram muitos positivos, não encarar cotidianamente o olhar de espanto da cisgeneridade quando meu corpo rompia a cis/hetero/branco/magro/normatividade da universidade, do shopping, da rodoviária, entre outros espaços, era um verdadeiro alívio. Os dias de isolamento foram passando, fui traçando uma rotina tranquila. Contudo, com o passar do tempo, o medo de morrer sozinha passou a me assombrar. Minha sabotadora passou a fazer perguntas que não me fazia há muito tempo, como: será que seus sobrinhos, seus irmãos terão espaço em suas vidas pra cuidar de uma travesti negra, gorda e, ainda por cima, velha? Tu sabes que casar, ou mesmo ter relacionamento estável é algo que não faz parte da tua realidade, não é? É como se o espelho de Oxum tivesse caído de minha mão e se partido em muitos pedaços. Espalhados no chão da solidão, eu só via, mais uma vez, a minha aparência monstruosa refletida.

Somos socializados de modo a acreditar que construir a família é o único modo de garantir qualquer cuidado na velhice, embora cada vez percebamos que a sociedade nutre também preconceito etário. Esse modelo de família nuclear, pensada pela cis/hetero/branco/magro/normatividade não atende a modos ampliados de afetividades humanas, as diversas configurações solidárias que podemos estabelecer. Nisto, concordo com a travesti comunista brasileira Amanda Palha (2019), de que a estratégia política feminista revolucionária requer a destruição da família. Romper com a ideia de família é fazer emergir outras formas de afeto e solidariedade entre nós, práticas de cuidado que ultrapassem laços pensados a partir de funções reprodutivas, sob a égide da cisheterossexualidade compulsória e com a captura de nosso desejo numa ótica branco/magro/normativa.

É pensando para além da ideia colonizada de família que superei o meu medo da solidão, acolhendo, mais uma vez, a minha sabotadora, exercendo o poder mais forte da comunidade transgênera: a irmandade travesti, que é o nosso modo de exercer o que Bell Hooks (2019) e o feminismo de modo geral compreendem como sororidade - a construção de solidariedade política. Não por acaso, Sophia Rivera (2020b) afirma que a irmandade travesti é a nossa cura! E, de fato, foi o poder de estar virtualmente conectada com minhas irmãs que me permitiu superar o medo da solidão. Passei a me encontrar com minhas irmãs travestis em diversas *lives* realizadas na rede social *Instagram*.

Sobre o medo em tempos pandêmicos, o filósofo português José Gil (2020, p. 10) nos ensina que

O medo não é uma atmosfera, é uma inundação. Como resistir, como desfazer, ou pelo menos atenuar o medo que nos tolhe? Com mais conhecimento, sim, e mais informação, e mais cooperação e racionalidade. Nos resta sobrepor o medo que nos desapropria de nós, o medo desse medo de sermos menos do que nós. Resta-nos, se é possível escolher, contra o que nos faz tremer de apreensão e nos instala na instabilidade e no pânico, as forças de vidas que nos ligam (poderosamente, mesmo sem sabermos) aos outros e ao mundo.

Sim! O medo é uma inundação, e foi de mãos dadas com minha sabotadora que, mais uma vez, mergulhei dentro de mim, nas águas profundas do poço do quintal de minha casa materna, que recuperamos, mais uma vez, o espelho de Oxum, que nos permite ver em nós a beleza, a doçura e o encanto. Esse espelho passou a refletir não apenas a mim, eu conseguia ver comigo todas as minhas irmãs travestis, as que estão terrenamente vivas e também as que vivem como minhas ancestrais. Vivemos, durante maio, um mês muito festivo para nós travestis e transsexuais, o nosso mês do orgulho, mês de lembrar de todas aquelas que abriram as portas para que nós, hoje, estivéssemos ocupando espaços inimagináveis. Um mês de resistência e de forte irmandade.

As *lives* pelo *Instagram* fizeram com que nós, travestis, criássemos redes de cooperação, trocas de conhecimentos e informações. Também fazíamos ligações coletivas, mensagens intensas pelo grupo *WhatsApp* e organizamos festivais com mais de quatro horas de interação *online* pelo *Instagram*, tendo como convidadas

travestis e transexuais dos mais diversos estados brasileiros. A conexão intensificou modos de organização virtual que, com certeza, ampliaram nossa atuação política para além dos tempos pandêmicos, uma vez que essas ferramentas poderão ser continuamente utilizadas. Estar conectadas também permitiu com que as notícias de perdas das nossas irmãs chegassem rapidamente até nós. Assim, mais um gatilho se anuncia: o medo de morrer.

Gatilho 3 - Medo de morrer

Além da solidão, o medo de morrer, um sentimento que também não se distancia de mim, sou travesti negra e gorda, viver até os 35 anos é fissurar o horizonte da necropolítica. De acordo com pesquisas realizadas pelo psicólogo brasileiro Pedro Antunes (2013), estima-se que a expectativa de vida de travestis e transexuais femininas seja de 35 anos de idade, enquanto a da população brasileira em geral é de 74,9 anos. A diferença das expectativas aponta como travestis e transexuais femininas estão expostas a violências brutais que impedem e interrompem a vida. Por isso, tentei me proteger de algumas notícias que movimentassem afetos tristes. Um luxo, um delírio... Como não ficar sabendo de histórias de dor, se a transfobia, o racismo e a gordofobia nunca concedem paz?

Era terça-feira, 14 de abril, eu já não sabia contar quantos dias estava em isolamento, e quantos dias estava sem chorar. As notícias chegam aos poucos pelo *WhatsApp*, rolo as mensagens rapidamente, não quero ler. Mais notícias em diferentes grupos, clico nos três pontinhos no canto superior da tela: limpar conversa! Ao longo da semana decido rever a série estadunidense *Pose*, que narra histórias de travestis negras, a série começou a mexer com minhas emoções. No sábado, 18 de abril, acordo alegre, lavo algumas latinhas de cerveja e coloco no congelador, faço a almoço, me sento pra assistir *Pose*, prendo a respiração e repito pra mim mesma: “você não vai chorar!”. Era tarde demais, só deu tempo de encerrar o almoço, as lágrimas começaram a cair, passei a pensar, a partir da série, em todas as vulnerabilidades que nós travestis negras precisamos enfrentar. A imagem vem à minha mente, a voz da sabotadora grita: “ela também era uma travesti negra, a menina que morreu terça, também era uma travesti negra!”. Mesmo que passando rapidamente as mensagens, a imagem da travesti negra havia ficado na minha mente. Eu não tinha mais como conter, pesquisei avidamente no *Google*, ela tinha apenas 22 anos de idade, era advogada, ela morreu de parada cardiorrespiratória, respiro, um pouco, começo a acalmar minha sabotadora: “Não foi transfobia... Nossa! Ela era apenas uma menina, tantos sonhos... mas não foi

transfobia... dessa vez, não foi transfobia, dessa vez, não foi transfobia”, mais uma vez a dor invade meu peito, as lágrimas caem.

A morte e a solidão são fiéis companheiras das travestis. Durante o isolamento social, as travestis brasileiras Bruna Benevides e Sayonara Nogueira (2020), em seu trabalho de monitorar os dados de transfobia letal no Brasil, passaram a denunciar que o número de travestis e transsexuais mortas no primeiro semestre e, de modo especial, nos meses de pandemia se agravavam severamente. As referidas pesquisadoras apontam que, no primeiro semestre de 2020, o Brasil chegou a 89 assassinatos de pessoas trans, aumento de 39% em relação ao mesmo período do ano passado.

Mesmo em tempos de pandemia, continuamos a morrer, não há paz para os nossos corpos dentro de um regime de necropolítica, entendida a partir do filósofo negro camaronense, Achille Mbembe (2018), como um modo pelo qual o Estado legitima a execução de corpos considerados descartáveis e indesejáveis para as estruturas sociais cis/hetero/branco/magro/normativas. E as interseccionalidades entre gênero e raça precisam ser pensadas no contexto de vulnerabilização de nossas existências, o que nos leva a mais um gatilho: travestis negras!

Gatilho 4 - Pensar interseccionalmente ou morrer coletivamente

Durante a pandemia de COVID-19, a transfobia e o racismo seguiram com seu projeto de extermínio. A campanha *Black Lives Matter*, desencadeada no final de maio, ganhou proporções mundiais, após a execução de George Floyd, homem cis heterossexual negro. A morte foi causada por um policial branco que ficou com um dos joelhos em cima de Floyd por cerca de 8 minutos. Já imobilizado, Floyd falava “eu não consigo respirar”. O vídeo da execução viralizou e deu início a uma série de protestos, especialmente no estado de Minnesota, nos Estados Unidos. Foi durante um desses protestos em Minnesota que a incapacidade de pensar interseccionalmente e de incluir as corporalidades transgêneras na luta antirracista veio à tona, disparando um gatilho para a publicação do seguinte texto em minha rede social:

Travestis e transsexuais negras são vidas negras que importam? O estado estadunidense de Minnesota está sendo palco de protestos antirracistas após a execução brutal de George Floyd. A jovem trans negra Lyanna Dior foi brutalmente agredida enquanto participava dos protestos *Black Lives Matter*. Entre os agressores, homens negros. Parece paradoxal que uma jovem trans negra seja agredida em um contexto de protestos que tem como *slogan* “vidas negras importam”. Para nós, contudo, essa relação de resistência dentro do movimento negro ainda é persistente. Travestis e transsexuais precisam se impor constantemente dentro de espaços feministas, LGBTI+ e de militância negra. A precariedade de nossas existências nos subtrai qualquer possibilidade de representação política mesmo em territórios ditos progressistas. Insisto em afirmar, a revolução será feita com as travestis ou não será revolução. A pauta antifascista precisa ser antitransfóbica, ou continuará alimentando o cão do fascismo. (*Instagram* da autora: @profaleticia_trans, 2020).

Para Judith Butler (2017), a categoria gênero confere intangibilidade humana a partir de suas normas regulatórias, portanto, as corporalidades que não seguem a cisheterossexualidade compulsória vivem na abjeção, numa dimensão precária que produz morte. Apesar de negros e negras vivenciarem a desumanização semelhante dentro da estrutura colonial, como aponta Grada Kilomba (2010), compreendo que tais precariedades infelizmente são insuficientes para a construção de alianças. É preciso superar essas barreiras para que possamos unir forças contra a cis/hetero/branco/magro/normatividade.

A feminista negra e caribenha-americana Audre Lorde (2015) afirma: “Eu sei que meu povo não vai se beneficiar com a opressão de qualquer outro grupo que esteja também na busca pelo direito de existir em paz”. É inconcebível que o movimento negro não entenda as demandas de travestis e transsexuais, sejam essas negras ou não. Mas o caso de Lyanna Dior expõe algo ainda mais grave, pois, apesar de ser uma trans negra não teve sua segurança garantida em um protesto que bradava “vidas negras importam”.

Que vidas negras importam, então? A professora travesti negra Megg Rayara Oliveira (2018, p. 172) relata que o processo de exclusão de travestis e transsexuais negros e negras é histórico dentro do movimento negro, salientando que

Parte do problema se relaciona com uma presença quase absoluta de homens cis heterossexuais à frente das principais organizações que lutam pelos direitos da população negra. Suas demandas

gravitam em torno da realidade que vivenciam, reforçando inclusive alguns estereótipos, como por exemplo aquele que naturaliza a ideia de que “a negritude se constitui através da normalização do negro heterossexual, representado pela emblemática virilidade de sua força física, agressividade, violência, grande apetite sexual e pênis potente”. Nessa lógica a travestilidade e/ou a transexualidade seria algo totalmente desconectado da negritude. Seus corpos, suas identidades, suas subjetividades não teriam lugar dentro do Movimento Social de Negras e Negros pois estariam relacionados a todo tipo de existência “cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importantes”.

Durante o isolamento social imposto pelo COVID-19, não apenas o caso de Lyanna Dior, mas também o caso de Demétrio Campos, jovem trans negro periférico, cometeu suicídio por uma série de fatores sociais, que incluem abordagens policiais constantes, as quais demarcam como perigosa a juventude negra. Os movimentos sociais de negros e negras, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, produzem um silêncio abissal sobre as violências sofridas pela população de travestis e transsexuais negras e negros. Esses ecos me colocaram a pensar bastante sobre como precisamos pensar e agir interseccionalmente.

A resistência coletiva pensada interseccionalmente, a partir de nossas diferenças, nos fortalece, afinal é alicerçada na colonialidade do poder na qual se erguem as violências que estruturalmente nos oprimem. Como demarca a feminista negra brasileira Carla Akotirene (2019), a interseccionalidade é uma ferramenta das encruzilhadas capaz de permitir um diálogo crítico entre diferentes regimes de opressão. É também pensando na interseccionalidade que a gordofobia me atravessa, suas marcas, dores fazem parte de mim, não é fácil assistir, diariamente, a “piadas” gordofóbicas durante o isolamento da pandemia, mais um gatilho: eu sou gorda!

Gatilho 5 - Gorda com ou sem pandemia

A gordofobia não pode ser pormenorizada dentro de enfrentamentos políticos coletivos. Por certo, o racismo e a transfobia são mais brutais em seus modos de matar, autorizados pela necropolítica. Contudo, a dimensão estética faz parte de nossas vivências e, inclusive, possui correlação com as estruturas de funcionamento do racismo e da transfobia, tendo em vista que: aquele demarca a

pele e o cabelo negros e todos os outros fenótipos afrodescendentes como não belos; e esta ridiculariza a estética masculina e feminina performada por corpos trans como uma mera imitação, uma caricatura de gênero. Portanto, as questões estéticas estão inseridas nas relações de poder que produzem o tipo de sujeito que assume um nível de humanidade aceitável socialmente.

Ademais, é bastante útil ressaltar que a gordofobia é alicerçada pelo poder médico de tradição ocidental. A mesma ciência do norte global, que demarcou, a partir de século XVIII, a etnia negra como inferior e que fez da cisheterossexualidade compulsória a única vivência sadia de gênero e sexualidade, é também a “ciência” que produz o estigma sobre o corpo gordo, classificando-o como monstruoso numa perspectiva patológica e moral e também como próprio da natureza orgânica do corpo. Assim, como as outras monstruosidades, como demarca Foucault (2010), são resultados da produção de vidas que ferem o ordenamento social, e que, nas sociedades ocidentais, é demarcado pela cis/hetero/branco/magro/normatividade.

As lutas feministas, historicamente, consideram a importância da autonomia política que as mulheres devem ter sobre seus corpos, portanto, menosprezar essa bandeira é um desrespeito aos modos dos quais o feminismo se constitui, sobretudo na América Latina, a luta pelos direitos sexuais e reprodutivos, por exemplo, perpassa, eminentemente, os corpos de mulheres. Ainda mais: o ideal de mulher - “bela, recata e do lar” -, imposto pela cis/hetero/branco/magro/normatividade, precisa ser duramente contestado. A masculinidade demarcou os corpos das mulheres como suas propriedades, como propõe a psicanalista britânica Susie Orbach (1978, p. 23): “[...] o corpo da mulher não lhe pertence. O corpo da mulher, do jeito que é, não satisfaz. Tem de ser magro, sem pelos supérfluos, desodorizado, perfumado e vestido”. Um corpo, portanto, que sirva a desejos machistas.

O modo como minha corporalidade é compreendida como gorda, é extremamente doloroso, toda a minha infância, adolescência, passando pela vida adulta, eu passei por essas violências de não caber na cadeira da escola, não passar na roleta do ônibus, não ser desejada afetiva e sexualmente, e, mesmo isolada do mundo, distante dos olhares espantados com minha excessiva e monstruosa

gordura, ainda assim, a gordofobia invade o sossego da minha casa, me tira a paz, reduz minha autoestima.

Em plena pandemia a cantora britânica Adele aparece magra e uma explosão de notícias passa a enaltecer sua beleza, imediatamente minha sabotadora me questiona: “se tu emagrecer, também será considerada bela, talvez até consiga um marido”. As mais variadas postagens de *Instagram*, inclusive de pessoas próximas, extremamente preocupadas com o fato de estarem “engordando” durante o isolamento. A preocupação com o fato de as academias estarem fechadas, com o falso discurso de saúde, não estão preocupados com saúde, estão preocupados em permanecerem magros e atléticos para estarem dentro de uma normatividade do desejo. Minha sabotadora sussurra: “essas pessoas que são tuas amigas e que te chamam de linda, estão superpreocupadas em engordar no isolamento, pra elas ser bonita é ser magra, elas não te acham bonita! Falam por educação.” Além do medo terrível de ser infectada pelo vírus, minha paz é roubada também pela gordofobia, tenho que me acolher em mim, para entender que ser gorda não é uma vivência de isolamento social, é, na verdade, o modo pelo qual minha identidade é construída. Eu fiz das minhas identidades resistência, assumo minhas monstruosidades como enfrentamentos políticos à cis/hetero/branco/magro/normatividade.

A feminista bell hooks (2019, p. 60) entende que é necessário que nós, mulheres, nos libertemos do modo cisheterossexista de valorar nossas corporalidades, inclusive na dimensão da gordofobia: “A luta feminista para acabar com os distúrbios alimentares é uma batalha em curso, porque a obsessão da nossa nação em julgar mulheres de todas as idades com base em nossa aparência jamais foi eliminada”. A gordofobia produz distúrbios alimentares graves que afetam a saúde de mulheres, causam relações de ódio e desprezo com a própria corporalidade e favorecem condições de suicídio. É urgente que nós mulheres, cisgêneras e transgêneras, entendamos o poder sobre os nossos corpos como uma questão de autonomia política. É também urgente que pensemos cada vez nossas interseccionalidades, criando alianças, exercendo políticas afetivas de cuidado e empatia.

Decreto final: Eu não vou morrer

A necropolítica que executa corporalidades que divergem da cis/hetero/branco/magro/normatividade está em pleno exercício durante a

pandemia de COVID-19, mas também está para além desta. Aprendi que o único modo de permanecer forte é com as minhas e os meus, por isso, criamos laços de cuidado, rotinas diárias de afeto que incluem conversas, escutas afetivas, que acolhem. Inclui aprender a sentir em nós a dor do outro, permitindo que nossas subjetividades enrijecidas pela colonialidade possam rachar fazendo emergir nossas formas de cuidado coletivo.

As mídias digitais estão sendo usadas massivamente. É o momento de estabelecermos conexões com os outros e conosco, aprender com o outro a ser outro, exercer consigo uma relação que permita a invasão do outro. A pele não nos isola do mundo, ela nos põe em contato. A pele é um tecido móvel, plástico, fronteiro. A virtualidade das nossas relações também atravessa a pele. Durante meu isolamento social, eu, diversas vezes atravessada pela dor de perder minhas irmãs travestis, vivi a violência que insiste em matar negros e negras, a gordofobia que me retira a autoestima.

Mas se podemos reverberar a dor, também podemos fazer fluir o amor, não na acepção romântica nos moldes da cis/hetero/branco/magro/normatividade. Concordo com bell hooks (2019): o amor é o coração do feminismo. É preciso que aprendamos a amar novamente, outros modos de afeto e de afetação. Como referenda o pensamento feminista negro da estadunidense Patrícia Hill Collins (2019, p. 281), é necessário que aprendamos a sustentar novos espelhos umas para as outras, para que assim possamos nos amar como verdadeiramente somos. Retomo a ideia do espelho de Oxum: é necessário que sejamos esse espelho uma para as outras, espelho que reflete amor, cuidado e a irmandade.

É preciso também se amar, o autocuidado é revolucionário. Ao pensar a política transfeminista, a travesti psicóloga Céu Cavalcanti (2017) destaca que o transfeminismo deve estar intimamente conectado a pensar em autocuidado, autoproteção, autopotencialização em dimensão pessoal e coletiva. Para a psicóloga, exercer o ativismo político é extremamente dispendioso energeticamente, por isso, é importante que estejamos juntas, erguendo umas às outras nessa caminhada. Entendo que estratégias feministas, antirracistas e de empoderamento do corpo gordo perpassem por essas alianças.

Ao findar deste processo de escrita, é o som da música de Ventura Profana (2020), presente na epígrafe, que me inspira a decretar: eu não vou morrer! A música de Profana, que teve seu videoclipe lançado durante a pandemia, é um verdadeiro bálsamo, trazendo várias profecias de resistência como: “as velhas terão sonhos, as jovens terão visões”. Compreendendo o tempo numa dimensão afrodiaspórica, insiro-me numa continuidade permanente, sou eu a jovem e a anciã, sou eu aquela que sonha e também aquela que tem visões. Para as minhas ancestrais, eu sou a jovem que tem visões, que, no presente, pode visualizar mudanças sonhadas anteriormente. Para as que virão, sou a anciã que sonha e planta sementes que serão colhidas no futuro. O passado e o futuro se conectam ao presente na cosmopercepção afrodiaspórica, conferindo movimento ao tempo.

Concluo proclamando vida, profetizando vida, eu desejo viver, amar e ser amada: Eu não vou morrer! Como anuncia Ventura Profana (2020): “Entre as mortas, não devia procurar!”. Eu não estarei entre elas, mesmo que parte de mim morra cada vez que um dos meus e das minhas morre, nós vivemos sempre na resistência coletiva dos nossos. Ventura Profana (2020) ainda proclama “Em calunga somos eternos!”, entendendo que a morte não é o fim na cosmopercepção afrodiaspórica, somos centelhas da mesma energia criadora do universo. Sou travesti negra e gorda e viver é um ato de rebeldia contra estruturas cis/hetero/branco/magro/normativas que me querem morta. Por isso, eu decreto: eu não vou morrer!

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANTUNES, Pedro P. S. **Travestis envelhecem?** São Paulo: Annablume, 2013.
- BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. Boletim nº 03/2020: assassinatos contra travestis e transexuais em 2020. **ANTRA**, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/06/boletim-3-2020-assassinatos-antra.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAVALCANTI, Céu. Entre pedras, paredes e redes - do autocuidado enquanto ética transfeminista. **Medium**, 2017. Disponível em: <https://medium.com/@ceucavalcanti/entre-pedras-paredes-e-redes-do-autocuidado-enquanto-%C3%A9tica-transfeminista-8f4b3b686e64>. Acesso em: 31 jul. 2020.

COLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política: Ditos & escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

GIL, José. O medo. **Pandemia Crítica**. n. 001. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/001>. Acesso em: 31 jul. 2020.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. **Portal Geledés**, 29 de maio de 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-existe-hierarquia-de-opressao/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ORBACH, Susie. **Gordura é uma questão feminista**. Trad. Chintia Barki. Rio de Janeiro: Editora Record, 1978.

PALHA, Amanda. Família, Religião e Política. **TV Boitempo**, 10 dez. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A_HFxALrTS8. Acesso em: 31 jul. 2020.

PROFANA, Ventura. Eu não vou morrer. **Ventura Profana y podenserdesligado**, 22 mai. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MWZPd5EcJO8>. Acesso em: 31 jul. 2020.

RIVERA, Sophia. A Solidão de mulheres trans e travestis não é apenas sobre afetividade. **Medium**, 2020a. Disponível em:

<https://medium.com/@sophiariveracs/a-solid%C3%A3o-de-mulheres-trans-e-travestis-n%C3%A3o-%C3%A9-afenas-sobre-afetividade-b81e50d1b02d>. Acesso em: 31 jul. 2020.

RIVERA, Sophia. Irmandade travesti é a nossa cura! **Medium**, 2020b. Disponível em:

<https://medium.com/@sophiariveracs/irmandade-travesti-%C3%A9-a-nossa-cura-55ca950afcbb>. Acesso em: 31 jul. 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

OLIVEIRA, Megg Rayara G. Por que você não me abraça? Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros. **Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 15, n. 28, p. 167-179, 2018.

Recebido: 01 julho 2020

Aceito: 19 agosto 2020